



André Lázaro*

A vez das Américas



Neste início de década, a América Latina vive um momento singular: taxas de crescimento econômico há muito tempo desejadas, governos democráticos com expressiva aprovação popular e novas oportunidades de negócios dão ao continente um papel cada dia mais importante no jogo internacional. O cenário contrasta fortemente com o que acontece em outras partes do mundo, em especial nos Estados Unidos da América e na Europa.

As populações da região, no entanto, têm motivos para acreditar que este momento é distinto de outros já vividos no século passado: agora, não importa apenas o que se convencionou chamar de *desenvolvimento econômico*; importa fundamentalmente como esse momento poderá gerar e garantir um futuro melhor para a região, para os filhos e netos dos que agora vivem essa mudança. E o futuro tem uma chave: educação para todos e para cada um.

A região da América Latina é a de maior desigualdade social em todo o mundo. Séculos de exploração econômica, ditaduras e oligarquias, opressão dos povos originários e escravidão - esse conjunto indesejado de mazelas sociais e políticas tornou a região um exemplo negativo do projeto civilizatório que, nos idos do século XVI, pretendia justificar sua conquista e, ao longo do século XIX, prometia fortalecer a independência das nações que a constituíam. Agora, quando a independência dos países completa 200 anos, é inevitável que se façam as perguntas: o que queremos comemorar no bicentenário das independências? Que legados as novas gerações poderão se orgulhar de receber desta geração que vivenciou a virada do século, a crítica às ditaduras e oligarquias? Estamos condenados a repetir os erros que nos legaram essa desigualdade?

O grande educador brasileiro Paulo Freire dizia que a educação, sozinha, não poderia mudar o mundo, mas que, sem ela, certamente não haveria mudanças. Na verdade, o tema de Paulo Freire é recusar a visão messiânica da educação, visão que a isola como prática de outras práticas sociais e que lhe atribui o encargo de superar as injustiças

El momento de las Américas



© Design / Photopress


En este comienzo de década, América Latina vive un momento singular: tasas de crecimiento económico hace mucho tiempo deseadas, gobiernos democráticos con expresiva aprobación popular y nuevas oportunidades de negocios dan al continente un papel cada día más importante en el juego internacional. El escenario contrasta fuertemente con lo

que sucede en otras partes del mundo, en especial en los Estados Unidos de América y en Europa.

Las poblaciones de la región, mientras tanto, tienen motivos para creer que este momento es distinto al de otros ya vividos en el siglo pasado: ahora, no importa apenas lo que se pactó en llamar de *desarrollo económico*; importa, fundamentalmente, cómo este momento podrá generar y garantizar un futuro mejor para la región, para los hijos y nietos de los que ahora viven este cambio. Y el futuro tiene una clave: educación para todos y para cada uno.

La región de América Latina es la de mayor desigualdad social en todo el mundo. Siglos de explotación económica, dictaduras y oligarquías, opresión de los pueblos originarios y esclavitud - este conjunto indeseado de dificultades sociales y políticas tornó a la región en un ejemplo negativo del proyecto civilizatorio que, a finales del siglo XVI, pretendía justificar su conquista y, a lo largo del siglo XIX, prometía fortalecer la independencia de las naciones que la constituían. Ahora, cuando la independencia de los países cumple 200 años, es inevitable que se hagan las preguntas: ¿Qué queremos conmemorar en el bicentenario de las independencias? ¿Qué legados las nuevas generaciones podrán sentir orgullo de recibir de esta generación que vivió el cambio de siglo, la crítica a las dictaduras y oligarquías? ¿Estamos condenados a repetir los errores que nos legaron estas desigualdades?

El gran educador brasileño Paulo Freire decía que la educación, sola, no podría cambiar al mundo, pero que, sin ella, ciertamente no habría cambios. En realidad, el tema de Paulo Freire es recusar la visión mesiánica de la educación, visión que la aísla como práctica de otras prácticas sociales y que le atribuye el encargo de superar las injusticias que se perpetúan diariamente en el acceso a la renta, al trabajo y al empleo, en el acceso a la salud y a la cultura, en el



que se perpetuam diariamente no acesso à renda, ao trabalho e ao emprego, no acesso à saúde e à cultura, no desfrute dos benefícios da informação, ainda oligopolizada. Se recusamos a visão messiânica e inserimos a educação como prática social no conjunto de outras práticas, poderemos então compreender a complexidade do desafio atual e fazer jus a ele.

São imensos os desafios impostos pela complexidade dos processos educativos. Quando analisamos as profundas desigualdades da região, essa complexidade cresce, e não faltam opiniões desinformadas que apelam, como em um passe de mágica, para soluções adotadas em outras regiões do mundo, como se a transposição de valores e práticas fosse uma solução real e viável. Assim, a Coreia, o Japão, a Finlândia e muitas outras nações são citadas como exemplos que devem ser seguidos para que a educação venha a “salvar” a região do atraso e das desigualdades históricas. Por outro lado, as nações da América Latina sabem o preço que foi pago pela adoção acrítica de modelos: mais exclusão, mais concentração de poder e riqueza, mais violência.

É nesse ambiente de decisões políticas estratégicas para o futuro das pessoas e das nações da região que se constrói o Projeto Metas Educativas 2021, formulado pela Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), em parceria com governos e ministérios de educação de países que integram a comunidade ibero-americana. No intervalo entre 2010 e 2022, completam-se 200 anos do ciclo de independências da América Latina. Esse importante fato histórico legitima a pergunta: que legado receberá a geração de crianças que nasce e cresce nessa região?

O Projeto Metas Educativas 2021, em diálogo com lideranças políticas e educacionais, estabeleceu 11 metas educativas a serem alcançadas pelos 21 países ibero-americanos. As metas dizem respeito à cobertura e qualidade da educação e articulam esforços como os dos Objetivos do Milênio, das Nações Unidas, e outras recomendações de diversos organismos internacionais. A novidade está na construção coletiva das metas, na definição dos mais de 30 indicadores acordados e no estabelecimento, pelos países, de níveis de sucesso que cada um almeja alcançar. O acordo em torno da natureza das metas não impôs níveis de resultado idênticos entre os países, visto que o ponto de partida de cada um deles é singular, e a capacidade de cada um deles, distinta.

aprovechamiento de los beneficios de la información, aún oligopolizada. Si nos recusamos a la visión mesiánica e inserimos a la educación como práctica social en el conjunto de otras prácticas, podremos entonces comprender la complejidad del desafío actual y ser justos a él.

Son inmensos los desafíos impuestos por la complejidad de los procesos educativos. Cuando analizamos las profundas desigualdades de la región, esta complejidad crece, y no faltan opiniones desinformadas que apelan, como en un toque de magia, para soluciones adoptadas en otras regiones del mundo, como si la transposición de valores y prácticas fuese una solución real y viable. Así, Corea, Japón, Finlandia y muchas otras naciones son citadas como ejemplos que deben ser seguidos para que la educación venga a “salvar” a la región del atraso y de las desigualdades históricas. Por otro lado, las naciones de América Latina saben el precio que fue pagado por la adopción acrítica de modelos: más exclusión, más concentración de poder y riqueza, más violencia.

Es en este ambiente de decisiones políticas estratégicas para el futuro de las personas y de las naciones de la región que se construye el Proyecto Metas Educativas 2021, formulado por la Organización de los Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), en conjunto con gobiernos y ministerios de educación de países que integran la comunidad iberoamericana. En el intervalo entre 2010 y 2022, se completan 200 años del ciclo de independencias de América Latina. Este importante hecho histórico hace legítima la pregunta: ¿qué legado recibirá la generación de niños que nace y crece en esta región?

El Proyecto Metas Educativas 2021, en diálogo con liderazgos políticos y educacionales, estableció 11 metas educativas para ser alcanzadas por los 21 países iberoamericanos. Las metas hablan sobre alcance y calidad de la educación y articulan esfuerzos como los de los Objetivos del Milenio, de las Naciones Unidas, y otras recomendaciones de diversos organismos internacionales. La novedad está en la construcción colectiva de las metas, en la definición de los más de 30 indicadores concordados y en el establecimiento, por los países, de niveles de éxito que cada uno desea alcanzar. El acuerdo en torno a la naturaleza de las metas no impuso niveles de resultado idénticos entre los países, visto que el punto de partida de cada uno de ellos es singular, y la capacidad de cada uno de ellos, distinta.

Essas diferenças, sob certos aspectos tão importantes para o reconhecimento da diversidade da região, não impedem, porém, que se constituam fóruns de cooperação e instrumentos de solidariedade. Após o acordo entre chefes de Estado e de governo, alcançado em 2008, foi o momento de, no encontro de 2010, na Argentina, essa mesma instância de alto nível validar as Metas e os instrumentos: a criação do Instituto de Avaliação e Seguimento das Metas Educativas (IESME, em espanhol), que reúne os órgãos de pesquisa e estatísticas educacionais dos países envolvidos, o Fundo Solidário, que capta recursos para o investimento em projetos educativos, e os Projetos Compartilhados, uma carteira de boas práticas já testadas e validadas na região.

Para acompanhar esse empenho inédito, criou-se também o Conselho Assessor, organismo composto por representantes da sociedade civil - sindicatos, organismos dos movimentos sociais, representações de mulheres e dos movimentos negros das Américas, representantes dos pais de alunos, entre outras organizações -, além de um representante indicado pelos governos de cada país. Essa arquitetura institucional - metas acordadas, indicadores validados, níveis de sucesso particulares, recursos solidários, projetos cooperativos e controle social - constitui um desenho inédito nos padrões da cooperação internacional em educação.

O novo momento dos países ibero-americanos já não é mais uma promessa, mas um fato político relevante para o mundo. Ao colocar na pauta a educação como um de seus desafios prioritários, por meio do Projeto Metas 2021, as nações dão um claro sinal de que não se trata, agora, de buscar soluções de curtíssimo prazo, à custa do bem-estar de seu povo. A resposta das lideranças políticas é mais consistente: fortalecer os mecanismos educacionais do presente para que a geração do bicentenário possa deter em suas próprias mãos instrumentos e valores que definam um futuro melhor para todos e para cada um dos habitantes dos países ibero-americanos. ■

*Doutor e mestre pela Escola de Comunicação da UFRJ. Professor da Faculdade de Comunicação Social da Uerj. Trabalhou no Ministério da Educação (MEC) de 2004 a 2010, exercendo os cargos de secretário executivo adjunto, de diretor e de secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

Estas diferencias, bajo ciertos aspectos tan importantes para el reconocimiento de la diversidad de la región, no impiden, así mismo, que se constituyan foros de cooperación e instrumentos de solidaridad. Después del acuerdo entre jefes de Estado y de gobierno, alcanzado en 2008, fue el momento de, en el encuentro de 2010, en Argentina, esta misma instancia de alto nivel evaluar las Metas y los instrumentos: la creación del Instituto de Evaluación y Seguimiento de las Metas Educativas (IESME), que reúne a los órganos de investigación y estadísticas educacionales de los países involucrados, el Fondo Solidario, que capta recursos para la inversión en proyectos educacionales, y los Proyectos Compartidos, una relación de buenas prácticas ya evaluadas y corroboradas en la región.

Para dar procedimiento a este empeño inédito, se creó también el Consejo Asesor, organismo compuesto por representantes de la sociedad civil - sindicatos, organismos de los movimientos sociales, representaciones de mujeres y de los movimientos negros de las Américas, representantes de los padres de alumnos, entre otras organizaciones -, además de un representante indicado por los gobiernos de cada país. Esta arquitectura institucional - metas concordadas, indicadores convalidados, niveles de éxito particulares, recursos solidarios, proyectos cooperativos y control social - constituyen un esquema inédito en los patrones de la cooperación internacional en educación.

El nuevo momento de los países iberoamericanos ya no es más una promesa, sino que un hecho político relevante para el mundo. Al colocar en el inventario a la educación como uno de sus desafíos prioritarios, por medio del Proyecto Metas 2021, las naciones dan una clara señal de que no se trata, ahora, de buscar soluciones a cortísimo plazo, a costas del bienestar de su pueblo. La respuesta de los liderazgos políticos es más consistente: fortalecer los mecanismos educacionales del presente para que la generación del bicentenario pueda sostener en sus propias manos instrumentos y valores que definan un futuro mejor para todos y para cada uno de los habitantes de los países iberoamericanos. ■

*Doctor con maestría por la Escuela de Comunicación de la UFRJ. Profesor de la Facultad de Comunicación Social de la Uerj. Trabajó en el Ministerio de Educación (MEC) de 2004 hasta 2010, ejerciendo los cargos de secretario ejecutivo adjunto, de director y de secretario de Educación Continuada, Alfabetización y Diversidad